

As 11 Máximas do Software Livre (SL)

Paulo Trezentos, 28.Agosto.2004

1 (Objecto) – O Software Livre é um modelo de desenvolvimento, não é uma religião.

2 (Missão) – O Software Livre é um meio, não é um fim.

Ou seja, serve para resolver realidades concretas do nosso quotidiano e não para resolver os nossos problemas de afirmação ou existenciais.

Corolário Geek: há vida para além do Software Livre.

3 (Posse) – O Software Livre não é de Esquerda ou de Direita, do partido X ou do partido Y, é de quem o desenvolve e para quem o utiliza.

Contudo, o modelo é presidido por valores e tem impacto social derivado da sua aceitação.

4 (Terminologia) – Software Livre, Software Aberto, Software de fonte-aberta ou Software de código aberto são tudo faces da mesma moeda.

Isto é, código que respeita as 4 liberdades enunciadas por RMS. *Shared-source* não é portanto Software Livre ou Software Aberto.

5 (Implicação) – Um software não tem necessariamente qualidade apenas por ser Software Livre.

Apesar do modelo contribuir para a sua melhoria, um mau programador escreverá sempre um mau programa.

6 (Evolução das espécies) – O Software Livre de qualidade prevalece sobre o SL sem qualidade.

Assim, apesar de haver SL com e sem qualidade (Máxima 4) é o primeiro que prevalece e o utilizador final acaba apenas por lidar com esse.

7 (Generalização) – O Software Livre não é o Linux, mas o Linux é Software Livre.

O facto de um Software Livre em concreto ter muito sucesso não nos deve fazer esquecer que “está sentado ao ombro de gigantes”.

8 (Concorrência) – Para uma necessidade é sempre melhor dois projectos de SL do que apenas um.

Ou seja, é bom termos Gnome e KDE, Mozilla e Konqueror, OpenOffice e Abiword / Gnumeric porque a concorrência estimula a qualidade.

9 (Custo) – A distribuição do Software Livre não tem de ser gratuita.

Apesar de não ser possível colocar barreiras à livre distribuição, é possível cobrar por o meio em que se coloca o Software Livre. Da mesma forma, o modelo do Software Livre permite cobrar por serviços. Destas duas razões nascem os modelos de negócio rentáveis que alicerçam as companhias que operam neste mercado.

10 (Coexistência) – O Software Livre tende a ser interoperável com software proprietário.

Existem mercados muito segmentados em que o software proprietário continuará a existir. Pela sua natureza aberta, é natural que a interoperabilidade seja assegurada no sentido do Software Livre para o Software Proprietário. O contrário não é verdade.

11 (Prevalência) – Em caso do Software Livre igualar em pertinência o Software Proprietário, então o primeiro será escolhido.

O utilizador tenderá a optar pelo software que melhor responda às suas necessidades numa equação complexa que envolve: preço, funcionalidades e qualidade. Se a equação retornar um valor semelhante entre os diferentes tipos de software, ele escolherá o Software Livre porque terá sempre um maior nível de independência e evolução futura de utilização.

